

Reportagem Especial

PREVENÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

Camisinha em escolas públicas

Governo federal quer instalar máquina para distribuir preservativos em colégios do Estado. Secretaria da Saúde apoia a medida

Aline Nunes
Matheus Thebaldi

O governo federal quer a distribuição de camisinhas em todas as escolas públicas. No Estado, há certa resistência para implementar o projeto na rede, mas o Ministério da Saúde vai insistir com a proposta.

A disponibilização do preservativo vai ser feita através de máquinas a serem instaladas nos colégios — a prioridade é para os de nível médio.

A informação é da assessora técnica Ellen Zita, da Unidade de Prevenção do Departamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde.

“Cada escola vai poder ter de três a 10 máquinas. Mas, para participar, estados e municípios têm de fazer solicitação ao ministério e aderir. Então, cada colégio vai ter autonomia para decidir como será o projeto pedagógico em torno dessa medida”, frisou Ellen Zita.

No Estado, a Secretaria da Saúde (Sesa) se posiciona a favor da iniciativa, como forma de evitar o sexo sem proteção, com risco de uma gravidez precoce ou contaminação por doenças.

“A única barreira que se pode criar para os adolescentes, ao tra-

tar da sexualidade, é a da segurança, com o uso da camisinha”, defendeu a assistente social Célia Mara Pauletti, técnica da coordenação estadual de DST/Aids da Sesa.

Por outro lado, a Secretaria de Estado da Educação (Sedu) discorda que as escolas sejam o local mais adequado para instalação de uma máquina de camisinhas.

“Não acredito que uma simples máquina de distribuir preservativo tenha significado educativo em si”, opinou o secretário Haroldo Corrêa Rocha.

Já houve um projeto piloto, mas os primeiros estados a receber efetivamente o equipamento serão Paraíba e Santa Catarina, mais o Distrito Federal.

“O Ministério da Saúde é a favor de que as máquinas cheguem a todos os estados. Temos um fundamento muito maior que a polêmica que se instalou em relação ao projeto, que é de saúde pública e educacional”, observou Ellen Zita.

Além das escolas, o projeto do Ministério da Saúde prevê a instalação dessas máquinas em outros locais de fácil acesso, como aeroportos, supermercados e boates.

“É isso o que vamos trabalhar adiante. Queremos que as máquinas cheguem a todos os lugares, onde houver possibilidade.”

“Cada colégio vai ter autonomia para decidir como será o projeto pedagógico em torno dessa medida.”

Ellen Zita, assessora técnica da Saúde



MÁQUINA usada para distribuir camisinhas. Objetivo é evitar o sexo sem prevenção e a gravidez precoce

CONTRA



LEONARDO BICALHO - 05/07/2010

“Não está em nossa prioridade”

“A princípio não pretendemos instalar esse equipamento nas escolas da rede estadual. Temos uma forma de abordagem do assunto, de maneira educativa, que é o projeto ‘Na real: Gravidez na adolescência não é legal’, que já ajudou a reduzir a incidência de meninas grávidas nas escolas.

O tema é tratado sem banalizar o sexo e também abordando a questão das doenças. A máquina, portanto, não está em nossa prioridade. Alguns, inclusive, entendem que pode estimular o sexo precoce. Além disso, para instalar, precisaríamos do apoio dos pais, da comunidade escolar.”

Haroldo Corrêa Rocha, secretário de Estado da Educação

A FAVOR



MARCELO ANDRADE/AT

Medida necessária

“A máquina é mais um recurso para que a prevenção efetivamente aconteça. Muitas vezes o adolescente tem dificuldades para acesso ao preservativo. Nosso papel deve ser facilitar para que não usem como argumento, quando tiverem relação sexual, que não conseguiram camisinha.

É bom esclarecer que a disponibilização das camisinhas vai acontecer após esclarecimentos e não será isso que vai fazer alguém iniciar a vida sexual. Os números de gravidez precoce e de infectados por doenças sexualmente transmissíveis apontam a necessidade da medida.”

Célia Mara Pauletti, técnica da Sec. de Estado da Saúde

SAIBA MAIS

Estudantes aprovaram ideia

PESQUISA

ESTUDO DA UNESCO, publicado em 2007, revela a boa aceitação de pais, professores e alunos à distribuição de camisinhas nas escolas.

A PESQUISA FOI ENCOMENDADA devido à polêmica de que ações vinculadas ao programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) incentivavam a prática sexual.

PROJETO PEDAGÓGICO

OS NÚMEROS MOSTRARAM que, quando a iniciativa é atrelada a um projeto pedagógico e há discussão com a comunidade escolar (professores, pais e alunos), a distribuição de camisinha nas escolas é bem aceita.

NESSE CONTEXTO, as máquinas são ferramentas para facilitar ainda mais o acesso do estudante à camisinha.

NÚMEROS

A DISPONIBILIZAÇÃO do preservativo foi considerada “uma ideia legal” para 89,5% dos estudantes e 63% dos pais.

APENAS 5,1% DOS ALUNOS, 6,7% dos professores e 12% dos pais pesqui-

sados acham que essa “não é função da escola”.

DIÁLOGO

A PESQUISA CONFIRMOU que os pais são grandes aliados das atividades desenvolvidas nas escolas públicas que aderiram ao projeto. Dos pais entrevistados, 56% afirmam “ter intensificado o diálogo com os filhos e ampliado a discussão e as informações sobre prevenção”.

VIDA SEXUAL ATIVA

O PRINCIPAL MOTIVO ALEGADO por 42,7% dos estudantes para não usar o preservativo é não tê-lo na hora “H” e 9,7% deles declararam que não têm dinheiro para comprá-lo.

O ESTUDO REVELOU ainda que 44,7% dos estudantes têm vida sexual ativa.

USO DA CAMISINHA

EM RELAÇÃO AO USO DE preservativo, 60,9% dos estudantes declararam ter usado na primeira relação sexual e 69,7% fizeram uso na última relação.

Fonte: Assessoria do Ministério da Saúde.



GRÁVIDA AOS 15 ANOS

Mudanças

A jovem Mariana Rossi de Oliveira, 18 anos, engravidou aos 15 do namorado. Ela disse que não usavam nada para se proteger e avalia que, se tivesse camisinha em sua escola, a história poderia ter sido diferente.

Mariana está feliz com sua pequena Ana Beatriz mas diz que, ao engravidar, houve muitas mudanças em sua vida.

“São pontos positivos e negativos. Amadureci bastante, mas pulei muitas etapas da minha vida.”

Reportagem Especial

Menor

PREVENÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

AJ08500-2

Professores usam aulas para tirar dúvidas de sexo

Escolas da Grande Vitória estão dando orientações sobre sexualidade aos alunos por meio de debates em sala de aula e até brincadeiras. A proposta é incentivar o sexo seguro e evitar gravidez precoce. Na rede particular, um exemplo é a escola Monteiro Lobato, em Vitória, onde alunos do 8º ano têm uma aula específica de educação sexual na disciplina de Ciências. A diretora da instituição, Ana Ri-

ta Costa Gomes, explicou que a conscientização é feita com o uso de ovos de galinha. "O ovo é tratado pelo aluno como se fosse um filho, e o professor tira as dúvidas dos estudantes." Na Escola da Ilha Florescer, as turmas do Ensino Fundamental 2 abordam a sexualidade nas aulas de Ciências, Filosofia e Português. De forma anônima, alunos fazem perguntas em uma folha de papel e a depositam em uma urna.

Segundo a diretora da instituição e psicanalista, Cecília Oliveira, os estudantes são divididos em grupos para debater as questões levantadas junto aos professores, que são sempre acompanhados de um especialista. "Fazemos oficinas com os professores para eles poderem atender às demandas na sala", disse. No Salesiano, existe um programa de formação que trabalha quatro áreas: afetividade, sexualidade, profissão e visão sociopolítica.



PROFESSORES fazem conscientização para evitar gravidez precoce

A diretora pedagógica da unidade de Jardim Camburi, Cláudia Bunilha, contou que são promovidos encontros nas classes para tratar os diferentes assuntos. Na Contec, a sexualidade é debatida em palestras com alunos e fóruns com os pais. Apesar de não terem ainda avaliado a possibilidade de implementar a máquina de camisinhas nas redes municipais, caso a proposta se estenda a escolas de ensino fundamental, as prefeituras promovem palestras, oficinas e debates sobre sexualidade. Na rede de Vitória e de Cariacica, por exemplo, professores recebem capacitação para tratar da educação sexual.

TABU



ANTONIO MOREIRA/AT

Aos 29 anos, ela tem filha de 11

Tanto na época em que estudava quando dentro de casa, a diarista Ana Paula da Silva Lemos, 29, que mora em Serra-Sede, não costumava falar sobre sexo. O assunto era considerado um tabu. "Na sala de aula, quase não se falava sobre isso. Já com a minha mãe, eu tinha vergonha", lembrou. Depois de sair da escola na 4ª sé-

rie, ela e o então namorado, Elicarlos (eles são casados), não se preveniram na relação sexual e a jovem acabou engravidando aos 17 anos. Nasceu Letícia, que está com 11 anos. Ana Paula garante que não se arrepende de dar à luz ainda na adolescência. "Assumimos o risco e acabou acontecendo logo na primeira relação", disse.

COMO ESCOLAS E PREFEITURAS TRATAM A EDUCAÇÃO SEXUAL

Orientações sobre namoro e doenças

Escolas particulares

PRIMEIRO MUNDO

A INSTITUIÇÃO DESENVOLVE um projeto de educação sexual nas aulas de Ciências das turmas do 8º ano. Segundo a diretora Ana Rita Costa Gomes, os estudantes levam um ovo para a sala de aula. Lá, ele é tratado como se fosse filho de cada um, e os professores aproveitam para tirar as dúvidas dos alunos ligadas à sexualidade.

ESCOLA DA ILHA FLORESCER

A SEXUALIDADE É ABORDADA nas turmas do Ensino Fundamental 2. As aulas de Ciências, Filosofia e Português são aproveitadas para tratar do assunto. OS ALUNOS LEVAM perguntas anônimas de casa em uma folha de papel e elas são depositadas em uma urna. Na sala, os professores, acompanhados de um especialista, fazem grupos de discussão para discutir os temas levantados.

SALESIANO

A INSTITUIÇÃO ADOTA um programa de formação que inclui quatro áreas: afetividade, sexualidade, profissão e visão sociopolítica. Segundo a diretora pedagógica da unidade de Jardim Camburi, Cláudia Bunilha, um profissional da área de sexualidade participa de encontros com os alunos para tratar de namoro e cuidados com o corpo.

CONTEC

DEBATES COM OS ALUNOS e fóruns com os pais são feitos na escola, afirmou o diretor Fernando Cobe.

Escolas públicas

VITÓRIA

AS ESCOLAS TÊM AUTONOMIA para desenvolver projetos voltados para a área da sexualidade, mas a Secretaria Municipal da Educação também adota algumas medidas comuns a todas as unidades. UM DOS PROGRAMAS é o que trata da gravidez na adolescência, estimulando os alunos a discutir o sexo seguro e o planejamento para o futuro para que maternidade e paternidade não aconteçam de forma precoce, explicou a professora Fabíola Cerqueira, que atua na área. OUTRO PROGRAMA, em parceria com a ArcelorMittal, visa à capacitação dos educadores para que façam melhor abordagem sobre educação sexual. No treinamento, eles aprendem como ensinar os alunos a lidar e a cuidar bem do próprio corpo.

CARIACICA

NO MUNICÍPIO, é desenvolvido o pro-

grama junto à Arcelor para capacitação dos educadores para tratar de educação sexual. Também são feitas palestras sobre gravidez precoce e doenças sexuais, segundo a subsecretária da Educação, Kleynayder Jesus de Souza.

VILA VELHA

A SECRETARIA MUNICIPAL da Educação informou que algumas escolas da rede municipal abordam o tema "Educação Sexual" em forma de projetos. ALÉM DISSO, TODOS OS ALUNOS do 6º ao 9º ano aprendem sobre o assunto de forma obrigatória na disciplina de Ciências. Os professores de outras disciplinas também tratam do tema de forma multidisciplinar.

SERRA

A EDUCAÇÃO SEXUAL é tratada como tema transversal dentro de todas as disciplinas, conforme explicou a secretária da Educação em exercício, Nelci Gazzoni.



ALUNAS de escolas da Grande Vitória recebem orientações

FALA, LEITOR!



ANGÉLICA COMPER, 21 anos, estudante

“A entrega das camisinhas nas escolas ajudaria na prevenção de doenças e gravidez precoce e também na conscientização”



ANDERSON KIRMSE, 22 anos, estudante

“Ao mesmo tempo que os alunos podem ficar mais conscientes, a camisinha na escola é um estímulo à prática sexual”



SILVANIA NUNES, 35, auxiliar de saúde bucal

“A escola deveria dar orientação aos alunos. Se eu tivesse filha, não gostaria que ela ganhasse uma camisinha dentro da instituição”



JOSÉ JOVINO DA SILVA, 58 anos, vigilante

“Seria uma boa iniciativa a escola distribuir camisinha aos alunos. Eles têm de se prevenir e ser orientados desde cedo”

ANÁLISE

“Professores têm de ter uma preparação”

“As escolas têm oportunidade de trabalhar a educação sexual dentro de um tema transversal. Há respaldo do Ministério da Educação e o assunto poderia ser abordado de maneira interdisciplinar, ou seja, passando por todas as matérias. Com a pedofilia, as instituições precisam abraçar o tema, pois as crianças têm de obter informações sobre isso. Porém, os professores necessitam de uma preparação específica para levar a questão para a sala de aula. Eles próprios trazem mitos e te-

riam de adquirir uma didática própria para falar de sexualidade. De forma dinâmica e natural, os professores podem responder a dúvidas e curiosidades dos alunos desde a educação infantil. Isso tem que ser tratado de acordo com a necessidade dos estudantes e com a faixa etária deles. A distribuição das camisinhas nas escolas tem dois lados. É positiva, pois ajuda na prevenção de doenças, mas pode ser negativa, já que pode se tornar um estímulo inadequado de iniciação sexual.”

Penha Peterli, psicopedagoga e terapeuta familiar